

Percepção de mães universitárias sobre qualidade de vida

Perception of university mothers about quality of life

RESUMO

OBJETIVO: Descrever a percepção de mães universitárias sobre a qualidade de vida.

MÉTODOS: Trata-se de um estudo descritivo e exploratório, com abordagem qualitativa, realizado em um campus de uma universidade pública no interior da Bahia. Os dados foram coletados por meio de entrevistas individuais, gravadas em mídia digital, com 21 mães universitárias dos cursos de Enfermagem, Pedagogia, Educação Física, Administração e Direito. Posteriormente, os dados foram analisados com base na análise de conteúdo de Bardin e por meio do software Iramuteq.

RESULTADOS: Observou-se que as mães universitárias compreendem a qualidade de vida como ter saúde, moradia, alimentação, água, bem-estar físico, mental e social, além de considerarem importante a existência de uma rede de apoio. A maioria das participantes é parda, católica, possui entre um e dois filhos, apresenta renda familiar de até um salário mínimo e relatou gravidez não planejada. As principais dificuldades enfrentadas incluem ausência de rede de apoio, dificuldades de locomoção, falta de auxílio-creche, cansaço físico e mental, além da sobrecarga gerada pela tentativa de conciliar a jornada tripla de dona de casa, estudante e mãe.

CONCLUSÕES: As mães universitárias percebem a qualidade de vida como o acesso à saúde, moradia, água potável, saneamento básico, estabilidade financeira e bem-estar físico, mental e social.

PALAVRAS-CHAVE: qualidade de vida; mãe universitária; universidade.

Samara Pimentel Paes 
pimentalpaes123@gmail.com
Universidade do Estado da Bahia
(UNEB), Salvador, Bahia, Brasil

Ivanete Fernandes do Prado 
iprado@uneb.br
Universidade do Estado da Bahia
(UNEB), Salvador, Bahia, Brasil

Beatriz Bonfim Lima 
bonfimb746@gmail.com
Universidade do Estado da Bahia
(UNEB), Salvador, Bahia, Brasil

Jamille Souza Silva 
jamssilvasouza@gmail.com
Universidade do Estado da Bahia
(UNEB), Salvador, Bahia, Brasil

Darlyane Antunes Macedo 
damacedo@uneb.br
Universidade Estadual de Campinas
(UNICAMP), Campinas, São Paulo,
Brasil

Pablo Luiz Santos Couto 
pabloluizsc@hotmail.com
Universidade Estadual do Sudoeste
da Bahia (UESB), Guanambi, Bahia,
Brasil

ABSTRACT

OBJECTIVE: To describe the perception of university student mothers regarding quality of life.

METHODS: This is a descriptive and exploratory study with a qualitative approach, conducted on a campus of a public university in the countryside of Bahia, Brazil. Data were collected through individual interviews, recorded on digital media, with 21 university student mothers from the Nursing, Pedagogy, Physical Education, Administration, and Law programs. Subsequently, the data were analyzed using Bardin's content analysis and the Iramuteq software.

RESULTS: It was observed that university student mothers understand quality of life as having health, housing, food, water, and physical, mental, and social well-being, as well as valuing the importance of a support network. Most participants identified as mixed race, Catholic, had one or two children, reported a family income of up to one minimum wage, and an unplanned pregnancy. The main difficulties faced included lack of a support network, transportation challenges, absence of childcare assistance, physical and mental fatigue, and the overload caused by trying to balance the triple role of housewife, student, and mother.

CONCLUSIONS: University student mothers perceive quality of life as having access to health, housing, potable water, basic sanitation, financial stability, and physical, mental, and social well-being.

KEYWORDS: quality of life; university student mother; university.

Correspondência:

Samara Pimentel Paes
Rua Manoel Cotrim, s/n,
Morrinhos, Guanambi, Bahia,
Brasil.

Recebido: 21 jan. 2025.

Aprovado: 7 fev. 2025.

Como citar:

PAES, S. P. *et al.* Percepção de mães universitárias sobre qualidade de vida. **Revista Brasileira de Qualidade de Vida**, Ponta Grossa, v. 17, e19818, 2025. DOI: <http://dx.doi.org/10.3895/rbqv.v17.19818>. Disponível em: <https://periodicos.utfrpr.edu.br/rbqv/article/19818>. Acesso em: XXX.

Direito autoral:

Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional. Esta licença permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir deste artigo, mesmo para fins comerciais, desde que atribuam o devido crédito pela criação original.



INTRODUÇÃO

O termo qualidade de vida tem ganhado destaque crescente na sociedade contemporânea, impulsionado, sobretudo, pelas transformações na percepção dos estilos de vida. Segundo a World Health Organization (1998), qualidade de vida é “[...] a percepção do indivíduo de sua inserção na vida, no contexto da cultura e dos sistemas de valores nos quais ele vive e em relação aos seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações”.

Nessa perspectiva, Minayo, Hartz e Buss (2000) concebem a qualidade de vida como uma construção subjetiva do ser humano, refletida em sua satisfação e bem-estar. Para os autores, essa concepção envolve múltiplos significados, vivências, valores individuais e experiências, configurando-se como um processo dinâmico, moldado ao longo do tempo pela interação do indivíduo com a sociedade.

Desse modo, o conceito de qualidade de vida pode ser analisado a partir de três eixos fundamentais: histórico, cultural e social. O primeiro refere-se à variação dos padrões de qualidade de vida ao longo das diferentes épocas. O segundo diz respeito às distinções nos modos de vida entre diferentes povos, influenciados por seus valores e necessidades. Por fim, o eixo social aborda as desigualdades entre classes, evidenciando que melhores condições de vida estão, geralmente, associadas às camadas mais favorecidas da população (Minayo; Hartz; Buss, 2000).

Considerando esse panorama, observa-se um vínculo crescente entre a qualidade de vida e o conceito de saúde. Antes compreendida apenas como a mera ausência de doenças, a saúde passou a ser definida de forma mais ampla, incorporando aspectos físicos, emocionais, sociais e psicológicos, além da autonomia do indivíduo e do ambiente em que está inserido (Moura *et al.*, 2016).

Nesse sentido, o estudo de Costa *et al.* (2021), que investigou a qualidade de vida de mães de crianças afetadas pelo vírus zika, revelou que essas mulheres associam qualidade de vida aos cuidados com a saúde física, ao lazer, à cultura, à estabilidade financeira, à moradia e ao emprego. A pesquisa evidencia que, para essas mães, estar saudável é um requisito fundamental para trabalhar e garantir melhores condições de vida.

Nos últimos anos, tem-se observado aumento significativo da presença feminina tanto no mercado de trabalho quanto no ambiente acadêmico. Após décadas de luta por direitos, as mulheres buscam, cada vez mais, independência, autonomia e respeito. No entanto, apesar dos avanços conquistados, ainda não são oferecidas condições adequadas para que elas, especialmente aquelas que também são mães, conciliem a maternidade com seus projetos acadêmicos e profissionais (Silva; Guedes, 2020).

O acesso à educação é um dos principais caminhos para a ascensão socioeconômica das mulheres. No entanto, pesquisas indicam que as mães universitárias enfrentam desafios ainda mais intensos, especialmente aquelas de baixa renda, que precisam conciliar múltiplos papéis na busca por melhor qualidade de vida (Antloga *et al.*, 2023).

Ferreira e Furtado (2022) destacam que, para mulheres que são mães e acadêmicas, a principal barreira à prática de atividades físicas – fator essencial para a qualidade de vida – é a falta de tempo. Quando dispõem de algum tempo livre, tendem a dedicá-lo aos cuidados com os filhos ou às tarefas domésticas, o que compromete seu bem-estar físico e mental.

Entre os desafios enfrentados por mães estudantes, destaca-se a dificuldade de conciliar os estudos com o aleitamento materno. Como alternativa para manter a amamentação, muitas recorrem ao leite ordenhado, utilizando a técnica de ordenha manual, que demanda tempo, persistência e, por vezes, pode causar desconforto (Soares *et al.*, 2017).

Por conseguinte, entre os principais desafios enfrentados por mães universitárias destacam-se: a ausência de uma rede de apoio, o acesso limitado a creches públicas, as dificuldades financeiras para arcar com creches privadas, a dificuldade em acompanhar o andamento do curso, a sobrecarga de atividades, a discriminação por parte da própria comunidade acadêmica e de colegas, a inexistência de espaços destinados exclusivamente à amamentação e aos cuidados infantis, além do trancamento do curso como consequência da sobrecarga (Silva; Guedes, 2020).

Diante desse cenário, surge a seguinte questão de pesquisa: qual é a percepção de mães universitárias sobre sua qualidade de vida? Para respondê-la, o presente estudo tem como objetivo descrever a percepção de mães universitárias sobre qualidade de vida.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo descritivo, exploratório, com abordagem qualitativa, realizado em um dos campi da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), no período de agosto a dezembro de 2024.

A UNEB é considerada a maior instituição pública de ensino superior da Bahia, contando com 31 departamentos distribuídos em 27 campi. Promove o desenvolvimento de pesquisas e ações de extensão que beneficiam a comunidade, além de oferecer programas de iniciação científica e ensino público, gratuito e de qualidade (UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA, 2025).

Foram elegíveis para este estudo mulheres estudantes de todos os cursos oferecidos no campus onde a pesquisa foi realizada: Enfermagem, Administração, Pedagogia, Educação Física e Direito.

Os critérios de inclusão foram: ser mãe, ter entre 18 e 49 anos de idade e estar regularmente matriculada no campus pesquisado. O critério de exclusão foi: não estar matriculada no período da coleta de dados.

A amostra do estudo foi composta por 21 participantes, selecionadas por amostragem não probabilística por conveniência. A coleta de dados ocorreu em um dos campi localizados no interior da Bahia e foi realizada no mês de abril de 2024, pela autora – graduanda em Enfermagem, do sexo feminino – treinada pela orientadora, professora adjunta, doutora, atuante no campus pesquisado.

Em um primeiro momento, as mães foram abordadas pessoalmente no pátio da universidade. A pesquisadora se apresentou e realizou breve exposição sobre o projeto, explicando seus objetivos e as razões que motivaram o desenvolvimento do estudo, buscando estabelecer uma relação de proximidade com as participantes. Em seguida, as mães foram convidadas a participar individualmente.

Àquelas que aceitaram, foi solicitada a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Após o assinatura, cada participante foi conduzida a uma sala reservada, a fim de garantir privacidade, anonimato e maior confidencialidade das informações. Todas as entrevistas foram gravadas em mídia digital, mediante consentimento prévio.

O segundo momento consistiu na realização das entrevistas individuais, com duração de 15 a 20 minutos, utilizando um roteiro semiestruturado elaborado pela pesquisadora. Durante as entrevistas, foram registradas notas de campo. A coleta foi encerrada após a identificação da saturação dos dados, ocorrida na 18ª entrevista. Para confirmação, foram realizadas mais três entrevistas, que confirmaram a saturação.

Os dados coletados foram transcritos na íntegra e analisados com base na técnica de análise de conteúdo, conforme a metodologia proposta por Laurence Bardin. Esse processo compreendeu três etapas: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados obtidos e interpretação. As entrevistas foram transcritas e organizadas em corpus textuais para posterior tratamento dos dados, com destaque para os trechos mais relevantes (codificação), especialmente aqueles recorrentes nas falas das participantes.

Após a exploração inicial, os corpus textuais foram inseridos no software Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires (Iramuteq) para análise automatizada, o que resultou na geração de um dendrograma com cinco classes hierárquicas descendentes, além de uma nuvem de palavras.

Com base nessas classes e em uma análise de conteúdo aprofundada, foram identificadas três categorias temáticas:

- a) percepção e satisfação de mães universitárias sobre qualidade de vida: "Qualidade de vida para mim é um bem-estar pleno, físico, mental, é ter alimento na mesa, ter água, saneamento básico" (E06);
- b) importância da rede de apoio familiar e universitária para as mães: "Olha, na medida do possível, sim, principalmente quando vejo que a faculdade tem esses apoios para as mães, como a Brinquedoteca" (E08);
- c) dificuldades enfrentadas pelas mães para permanecer na universidade: "Dificuldade financeira, principalmente, pois eu não consegui trabalhar durante o curso, então contava somente com os auxílios da universidade" (E02).

Como roteiro metodológico para a condução da pesquisa qualitativa, foi utilizado o guia Consolidated Criteria for Reporting Qualitative Research (COREQ).

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UNEB, sob o Parecer nº 6.662.489, emitido em 22 de fevereiro de 2024. Todas as participantes foram previamente informadas sobre o sigilo e a confidencialidade das informações fornecidas.

RESULTADOS

O presente estudo contou com uma amostra de 21 mães universitárias. Dentre as entrevistadas, a maioria é do curso de Pedagogia, com faixa etária entre 20 e 25 anos, católicas e solteiras. Em relação ao número de filhos, 71,42% são mães de apenas uma criança. Das 21 participantes, 61,90% relataram ter vivenciado uma gravidez não planejada. Além disso, 47,61% se autodeclararam pardas e 76,19% informaram possuir renda familiar de até um salário mínimo (Tabela 1).

Tabela 1 – Dados sociodemográficos das participantes do estudo

(continua)

Variável	n	%
Estado civil		
Solteira	9	42,86%
Casada	8	38,10%
União estável	4	19,04%
Divorciada/Separada	0	0,00
Total	21	100,00%
Religião		
Católica	11	52,38%
Evangélica	3	14,29%
Espírita	1	4,76%
Protestante	1	4,76%
Agnóstica	1	4,76%
Nenhuma	4	19,05%
Total	21	100,00%
Idade das mães (faixa etária)		
20-25	7	33,33%
25-30	5	23,81%
30-35	6	28,57%
35-40	3	14,29%
Total	21	100,00%

Tabela 1 – Dados sociodemográficos das participantes do estudo

(continuação)

Variável	n	%
Área de graduação atual (curso)		
Pedagogia	10	47,62%
Enfermagem	4	19,05%
Administração	4	19,05%
Direito	1	4,76%
Não informado	2	9,52%
Total	21	100,00%
Faixa de renda		
Meio salário mínimo	2	9,52%
1 salário mínimo	16	76,20%
2 salários mínimos	2	9,52%
3 salários mínimos	0	0,00
4 salários mínimos	1	4,76%
Total	21	100,00%
Raça/cor		
Parda	10	47,62%
Preta	9	42,86%
Branca	2	9,52%
Total	21	100,00%

Tabela 1 – Dados sociodemográficos das participantes do estudo

Variável	n	(conclusão)
		%
Número de filhos		
1 filho	15	71,43%
2 filhos	4	19,05%
3 filhos	1	4,76%
4 filhos	1	4,76%
Total	21	100,00%
Gravidez planejada		
Sim	7	33,33%
Não	13	61,91%
Sim e não	1	4,76%
Total	21	100,00%

Fonte: Dados da pesquisa.

Uma das barreiras mencionadas pelas entrevistadas refere-se à distância entre suas residências e a universidade, configurando-se como fator significativo de dificuldade para as mães. Em relação à renda familiar, a maioria relatou possuir rendimento equivalente a um salário mínimo, uma vez que o tempo dedicado aos estudos muitas vezes impossibilita a inserção no mercado de trabalho.

Quando questionadas sobre religião, a maioria das participantes afirmou acreditar em Deus, sendo que algumas expressaram gratidão por contar com o apoio familiar que lhes permite deixar os filhos sob cuidados e, assim, frequentar a universidade.

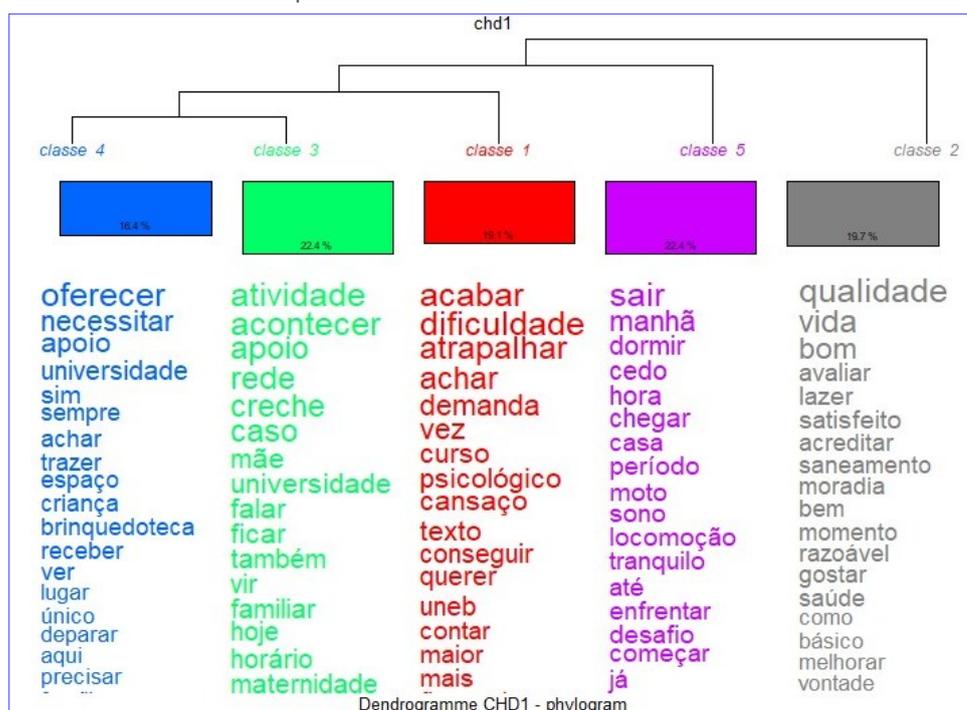
O Dendrograma da Classificação Hierárquica Descendente (Figura 1) caracteriza-se pela organização dos textos em classes temáticas. A análise foi realizada com base em cinco classes, com aproveitamento de 82,16% do corpus textual.

A Classe 2 (19,7%) aborda a percepção e a satisfação das mães em relação à qualidade de vida, com destaque para palavras como *lazer*, *saneamento*, *moradia*, *satisfeito* e *saúde*.

As Classes 3 (22,4%) e 4 (16,4%) tratam da importância da rede de apoio, evidenciada por termos como *apoio, creche, universidade, mãe, brinquedoteca* e *maternidade*.

Por fim, as Classes 1 (19,1%) e 5 (22,4%) refletem as principais dificuldades enfrentadas pelas mães para continuarem frequentando a universidade, com destaque para palavras como *psicológico, cansaço, sono, desafio* e *demanda*.

Figura 1 – Dendrograma na Classificação Hierárquica Descendente sobre a percepção de mães universitárias sobre qualidade de vida



Fonte: Autoria própria com base no Software Iramuteq.

A nuvem de palavras (Figura 2) representa a análise do corpus textual, destacando os termos mais mencionados pelas mães entrevistadas. Nessa representação visual, as palavras aparecem em tamanhos proporcionais à sua frequência no texto: quanto maior a palavra, mais vezes ela foi citada. Dentre os termos mais recorrentes, destacam-se: *qualidade, filho, universidade, mãe, financeiro, dificuldade, receber, considerar, questão, oferecer, casa e familiar*.

Qualidade de vida, para mim, é um bem-estar pleno, físico, mental; é ter alimento na mesa, ter água, saneamento básico e estar bem com a família, com o filho. (E06)

Para mim, qualidade de vida é quando a gente trabalha e, com esse trabalho, consegue desfrutar de comida, moradia, saúde... mesmo precisando de recursos públicos, mas que isso não interfira no orçamento familiar, e que se tenha também condições de saneamento básico. (E17)

Eu entendo o que é qualidade de vida? Seria ter moradia, saneamento básico, uma boa situação financeira... Qualidade de vida seria ter tempo para você, para o lazer, para tudo. Ter a vida equilibrada, acredito que seja isso. (E11)

Ao questionar as entrevistadas sobre sua percepção da qualidade de vida, constatou-se que a maioria expressou a necessidade de melhorias, especialmente no aspecto financeiro, como a conquista da casa própria e o acesso a alimentação digna. Enquanto algumas manifestaram insatisfação com sua condição atual, outras destacaram a possibilidade de aprimorar sua qualidade de vida.

Mais ou menos, dá para melhorar, terminar minha casa própria. (E11)

Considero... eu acho que a gente sempre quer um pouco mais no sentido financeiro, né, para ficar mais despreocupado. Mas, em relação à qualidade de vida mesmo, eu acho que sim. (E02)

Eu considero razoável. Aqui na cidade é razoável; na zona rural, a gente consegue suprir mais, principalmente em relação à alimentação. Os gastos que tenho aqui na zona urbana consigo reduzir na roça, onde é mais tranquilo. (E04)

IMPORTÂNCIA DE REDE DE APOIO FAMILIAR E UNIVERSITÁRIA PARA AS MÃES

A rede de apoio é um elemento fundamental para o suporte às mães universitárias durante a maternidade. Relatos evidenciam a relevância dessa rede na vida dessas mulheres, tanto no âmbito familiar quanto no suporte oferecido pela universidade. A existência de uma rede de apoio influencia diretamente a maneira como as mães conciliam as múltiplas demandas da maternidade e da vida acadêmica.

Sim, muito, principalmente da minha mãe e da minha sogra, né, elas são fundamental para eu tá na universidade, porque se não fosse elas, eu não conseguiria tá aqui. Porque como sabe, mãe, entre escolher universidade e o filho, a gente escolhia o filho, mas como a gente tem o apoio, né. (E07)

Não. Boa parte da maternidade é carreira solo, então eu tive que me virar muito com isso e eu sempre trouxe as crianças comigo para a universidade. O espaço da Brinquedoteca foi muito útil para mim porque desde o primeiro semestre os meus filhos vêm comigo para a universidade. (E03)

Sim, inclusive se não fosse por causa da minha mãe que fica com a minha filha, eu não estaria aqui, se eu não tivesse uma rede de apoio familiar muito forte, eu não teria como vim para a universidade, porque, principalmente porque minha filha é autista, então se eu não tivesse alguém ou outras pessoas para me ajudar, eu não conseguiria estar aqui. (E09)

Eu acho que a única coisa específica para as mães que a universidade oferece é a Brinquedoteca, só, mas por exemplo, a gente não tem uma creche, igual a UFBA, eu já estudei na UFBA e tinha creche, e excelente por sinal, então o único apoio diferente para as mães que a universidade oferece é a Brinquedoteca, só, que tem alguns horários de funcionamento e dias também. (E02)

Olha, na medida do possível, sim, principalmente quando eu vejo aqui que a faculdade ela tem esses apoios para as mães aqui como a Brinquedoteca, agora tem a Bebeteca, isso eu acho muito bom, eu acho essencial, é um apoio e faz com que nós mães nos sintamos acolhidas e, porém, pelo fato de eu morar fora eu não posso usufruir desses apoios, eu diria assim, a faculdade oferece, porém na minha condição não me permite tá usufruindo. (E08)

DIFICULDADES ENFRENTADAS PELAS MÃES PARA PERMANECEREM FREQUENTANDO A UNIVERSIDADE

Entre as principais dificuldades relatadas pelas mães entrevistadas, destacam-se: questões financeiras, problemas relacionados ao transporte, cansaço físico e psicológico, ausência de uma rede de apoio, falta de tempo e dificuldade em conciliar os múltiplos papéis que lhes são atribuídos, entre outras. O problema da locomoção foi fortemente enfatizado, especialmente por aquelas que residem em outros municípios e enfrentam diversos desafios para chegar à universidade.

Além disso, a dificuldade financeira também se mostrou como fator significativo, uma vez que muitas relataram a impossibilidade de conciliar os estudos com o trabalho. Apesar dessas barreiras, observa-se que as entrevistadas se sentem transformadas por fazerem parte do ambiente acadêmico, uma vez que a graduação representa a realização de um sonho.

Dificuldade financeira, principalmente, pois eu não conseguia trabalhar durante o curso, então contava somente com os auxílios da universidade. Dificuldade de rede de apoio também, porque as vezes eu precisava levar meus filhos por não ter com quem deixar e isso aumentava o custo de transporte e gera muito cansaço. (E02)

Vários, no caso a falta de tempo, né. Eu acho assim que a universidade ela tem um currículo muito bom, oferece várias matérias e vários elementos que fazem com que a gente se apaixone pelo curso, porém a disponibilidade do tempo de você se aprofundar, de querer mais, não consegue, por causa da rotina, de ter que conciliar o trabalho com o estudo e ser mãe. (E05)

Bom, a primeira dificuldade é conciliar o ser mãe, dona de casa e faculdade. A questão de locomoção também, porque, como eu disse para você, eu saio muito cedo de casa, eu saio 5 horas. No primeiro semestre do ano, enfrento muito a questão da escuridão na estrada, é uma distância de aproximadamente 18 quilômetros até a sede, aí eu saio de moto 5 horas da manhã para 6 horas o ônibus sai da sede, então enfrenta essa questão do escuro, dos perigos da estrada em si, correndo o risco de moto dá problema no caminho. (E08)

Eu acho que o cansaço, o cansaço psicológico e principalmente porque a gente tá no 8º semestre, a gente está um pouquinho esgotado, é, o cansaço psicológico, o cansaço físico, porque eu tenho que ficar me deslocando de um cidade para outra, tenho que dar conta de UNEB, então acho que essas vão ser as principais dificuldades. O cansaço psicológico, o cansaço físico e a demanda que tem. (E09)

DISCUSSÃO

A maioria das mães universitárias entrevistadas situava-se na faixa etária entre 20 e 25 anos, sendo, em sua maioria, pardas, católicas e solteiras. Esses achados corroboram os resultados de Antloga *et al.* (2023), que identificaram, em seu estudo, que a maioria das mães universitárias era casada ou vivia em união estável. Do mesmo modo, Silva e Guedes (2020) apresentam resultados alinhados com os deste estudo no que se refere à faixa etária predominante.

No que tange ao perfil sociodemográfico, Ferreira e Furtado (2022) constataram que a raça/cor predominante em sua pesquisa foi a parda, em consonância com os dados obtidos na presente investigação. Nesse contexto, Cardoso, Lima e Bartholomei (2023) enfatizam os desafios enfrentados pelas mulheres que são mães no ambiente universitário, ressaltando que vivenciam situações de racismo e de machismo estrutural, tanto na sociedade quanto dentro da própria instituição de ensino. Tais desafios são ainda mais acentuados para as mães universitárias negras.

Mendes *et al.* (2022), ao estudarem variáveis sociodemográficas de estudantes de Enfermagem, demonstraram que, dentre o público analisado – composto por 173 estudantes – 61 se declararam católicos, configurando-se como a maioria. De maneira semelhante, no presente estudo, das 21 mães universitárias entrevistadas, 11 se identificaram como católicas, evidenciando que a maioria possui sua identidade vinculada a uma crença religiosa.

Diante das variáveis idade, raça/cor e religião, que podem impactar significativamente a permanência das mães no ensino superior e, futuramente, refletir na qualidade de seu trabalho, destaca-se um aspecto diretamente relacionado aos indicadores do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). A Síntese de Indicadores Sociais (SIS) de 2023 aponta que mulheres com ensino superior completo apresentam maior nível de inserção no mercado de trabalho em comparação com aquelas que não concluíram o ensino fundamental ou não possuem instrução formal (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2023).

Em relação à quantidade de filhos, das 21 mães entrevistadas, 15 tinham apenas um filho – resultado que corrobora os achados de Antloga *et al.* (2023), cujo estudo também indicou predominância de mães com um único filho. De acordo com a SIS de 2009, a taxa de fecundidade das mulheres brasileiras apresentou declínio, sendo a entrada no mercado de trabalho e o aumento da escolaridade fatores determinantes para essa redução. Isso evidencia que mulheres com maior nível de escolaridade tendem a ter menos filhos (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2010).

No que diz respeito à renda familiar, que delimita o perfil socioeconômico das mães entrevistadas, a maior parte declarou possuir renda mensal de até um salário mínimo. Esses dados são compatíveis com os achados de Ferreira e Furtado (2022), que também identificaram que a maioria das mães entrevistadas possuía renda familiar limitada a um salário mínimo.

Ademais, Matos Júnior e Souza (2023) destacam a persistência das desigualdades estruturais na sociedade, expressas por diferenças de gênero, classe social, condição socioeconômica e etnia. Esse cenário reforça que as mulheres de baixa renda enfrentam os maiores desafios na maternidade, principalmente aquelas inseridas no trabalho informal, pois, devido à ausência de direitos trabalhistas assegurados, precisam retornar ao trabalho precocemente.

No que se refere ao planejamento familiar, Ferreira e Furtado (2022) apontam que 54,6% das mães entrevistadas afirmaram não ter planejado a gravidez, enquanto 45,4% afirmaram que a gestação foi planejada. Resultados semelhantes foram observados no presente estudo, no qual 33,33% das participantes afirmaram ter planejado a gravidez e 61,90% declararam que a gestação não foi previamente planejada.

Em consonância com essas questões, a Constituição Federal de 1988 estabelece, em seu artigo 226, § 7º, que o planejamento familiar é um direito dos cidadãos, devendo ser garantido com base nos princípios da liberdade, da dignidade da pessoa humana e da paternidade responsável (Brasil, 1988). Para regulamentar esse direito, foi promulgada a Lei nº 9.263, de 12 de janeiro de 1996, que dispõe sobre o planejamento familiar no Brasil. Posteriormente, foi publicada a Lei nº 14.443, de 2 de setembro de 2022, a qual estabelece prazos para a disponibilização de métodos e técnicas contraceptivas, além de disciplinar as condições para a esterilização voluntária no âmbito do planejamento familiar (Brasil, 1996; 2022).

PERCEPÇÃO DAS MÃES UNIVERSITÁRIAS SOBRE QUALIDADE DE VIDA

O conceito de qualidade de vida é amplo e subjetivo, variando conforme a percepção individual e o contexto sociocultural em que cada pessoa está inserida. Nesse sentido, Costa *et al.* (2021) demonstram, em sua pesquisa, que, para as mães entrevistadas, qualidade de vida e saúde significam estar saudáveis, ter moradia e alcançar estabilidade financeira. Em conformidade com o presente estudo, as mães universitárias associavam a qualidade de vida ao bem-estar físico, mental e social, bem como ao acesso à alimentação, ao lazer, à moradia, à estabilidade financeira, à assistência à saúde e à presença de vínculos afetivos.

Quanto à satisfação com a qualidade de vida, quando as mães estudantes universitárias foram questionadas, a maioria relatou a necessidade de algo a mais, sobretudo relacionado à condição socioeconômica. Ao contrário do estudo realizado por Ferreira, Menezes e Barros (2021), que teve como objetivo analisar a qualidade de vida de estudantes de graduação em Enfermagem, a maioria dos participantes desse estudo considerou sua qualidade de vida como boa.

Dessa forma, é notável nas falas das mães entrevistadas que elas associaram o conceito de qualidade de vida ao termo **saúde**, não apenas no que se refere à saúde física, mas também à saúde mental e social. Esse entendimento reforça a amplitude do conceito de saúde e sua relevância, corroborando os achados de Costa *et al.* (2021), que destacam que as mães entrevistadas não apenas enfatizaram a importância da saúde física, mas também reconheceram a relevância dos serviços de saúde oferecidos pelas instituições.

Desse modo, o conceito de qualidade de vida está relacionado a múltiplos significados, sendo compreendido como uma construção cultural individual, influenciada por valores, costumes, conhecimentos adquiridos e experiências vividas ao longo da vida (Minayo; Hartz; Buss, 2000). Além disso, a qualidade de vida transcende aspectos mensuráveis, adentrando a subjetividade do ser humano e sua percepção sobre o que é ou não acessível.

Em função disso, as mães universitárias também associaram a qualidade de vida ao lazer, à convivência familiar e ao tempo dedicado a si mesmas. Esses relatos evidenciam a diversidade de significados que o termo pode assumir. Ademais, a sobrecarga acadêmica imposta aos estudantes, quando não equilibrada com atividades de lazer que proporcionem descanso e distração, pode comprometer significativamente sua qualidade de vida (Freitas *et al.*, 2018).

Por fim, nas investigações sobre qualidade de vida, identificam-se tanto valores materiais quanto não materiais. Dentre os não materiais, destacam-se a felicidade, o amor, os laços afetivos, a realização pessoal, a liberdade, a perseverança e a solidariedade. Esses fatores, juntamente com aspectos tangíveis, compõem a amplitude do conceito de qualidade de vida e reforçam sua complexidade e abrangência (Minayo; Hartz; Buss, 2000).

IMPORTÂNCIA DE REDE DE APOIO FAMILIAR E UNIVERSITÁRIA PARA AS MÃES

As redes de apoio desempenham papel fundamental para que as mães consigam continuar frequentando a universidade. Nesse contexto, Lopes e Ramalho (2023), ao indagarem as mães universitárias sobre o apoio institucional recebido, identificaram respostas diversas: algumas afirmaram receber apoio dentro da universidade, enquanto outras relataram a ausência de suporte.

No Brasil, o Decreto nº 7.234, de 19 de julho de 2010, que regulamenta o Programa Nacional de Assistência Estudantil (PNAES), tem como objetivo oferecer condições para que os estudantes possam permanecer no ensino superior público. O programa enfatiza a permanência estudantil, abrangendo áreas como alimentação, transporte, cultura, moradia estudantil e, especialmente, a creche, que pode ser uma das ações contempladas (Brasil, 2010a).

As mães entrevistadas neste estudo destacaram a necessidade de um apoio mais robusto, especialmente financeiro, para garantir sua permanência no ambiente universitário, como a disponibilização de creches em período integral para atender às necessidades das crianças, além de suporte psicológico. Em contrapartida, algumas mães afirmaram que a universidade já oferece o apoio necessário por meio de espaços como a brinquedoteca e a bebeteca. Silva e Agapito (2021), ao questionarem mães estudantes sobre o que facilitaria o processo de formação superior, constataram que 62,9% das entrevistadas mencionaram a oferta de bolsas de estudo; 42,9% apontaram a necessidade de políticas institucionais externas voltadas às mães estudantes; e 40% sugeriram a criação de espaços dedicados ao acolhimento das crianças durante as aulas.

Ferreira e Furtado (2022) destacam a relevância da rede de apoio no ambiente doméstico e o impacto que ela exerce sobre a permanência das mães na universidade. No presente estudo, a maioria das mães recorre ao pagamento de alguém para cuidar dos filhos ou deixa as crianças sob os cuidados do marido ou companheiro, sendo a presença da família uma fonte de apoio significativa. Destaca-se, ainda, a necessidade de levar os filhos para a universidade como uma prática recorrente.

Em relação às políticas de permanência das mães estudantes no ambiente universitário, a Lei nº 6.202, de 17 de abril de 1975, garante à estudante gestante, a partir do oitavo mês de gestação e por um período de três meses, o direito de continuar seus estudos por meio de regime de exercícios domiciliares, mediante apresentação de atestado médico à instituição de ensino (Brasil, 1975).

Entre as mães entrevistadas, algumas destacaram o apoio significativo da família, especialmente das próprias mães. Contudo, também foram registrados relatos de que a experiência da maternidade foi enfrentada de forma solitária, sem uma rede de apoio robusta, o que torna o suporte familiar ainda mais relevante. Silva e Agapito (2021) confirmam que a luta das mães estudantes pelo direito à educação é ainda mais árdua para aquelas que não possuem rede de apoio, não dispõem de recursos financeiros para contratar alguém para cuidar dos filhos e não conseguem vagas – muitas vezes escassas – na universidade destinadas ao acolhimento infantil, o que as obriga a levar seus filhos para as aulas.

Além disso, o Ministério da Saúde, em parceria com a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA), aprovou, em 23 de fevereiro de 2010, a Portaria nº 193, que orienta a instalação de salas de apoio à amamentação em empresas públicas e privadas. Essa medida visa garantir condições adequadas para a realização da amamentação, oferecendo às mães, principalmente às funcionárias, o apoio necessário para continuar amamentando (Brasil, 2010b).

DIFICULDADES ENFRENTADAS PELAS MÃES PARA PERMANECEREM FREQUENTANDO A UNIVERSIDADE

Entre os sentimentos e ideias que as mães universitárias expressam sobre sua independência, o aspecto que mais gera desconforto é a carência financeira (Tachibana; Veloso, 2022). A dependência de familiares é frequentemente mencionada, e, ao abordar esse tema, as entrevistadas não se limitam a falar da dimensão econômica, mas também da necessidade de contar com a ajuda e colaboração de outras pessoas.

Os resultados do presente estudo corroboram esses achados, uma vez que as mães entrevistadas enfatizaram a dificuldade financeira, relatando que receberam auxílios da universidade até certo momento, mas que esses benefícios foram posteriormente suspensos. Tal situação agravou ainda mais a condição dessas estudantes, especialmente porque o tempo dedicado aos estudos impossibilitava o exercício de atividades remuneradas.

Silva e Agapito (2021) destacam a forte presença da divisão do trabalho baseada no gênero, na qual o homem é visto como provedor e responsável pelo sustento do lar, enquanto a mulher é idealizada como mãe e cuidadora. Essa divisão tradicional impõe uma sobrecarga à mãe universitária, que busca conciliar múltiplas funções – acadêmicas, maternas e, por vezes, profissionais –, o que reflete normas sociais profundamente enraizadas.

Entre as dificuldades mais frequentemente relatadas pelas mães universitárias, destaca-se a tentativa de conciliar a jornada tripla: ser mãe, dona de casa e estudante. Outras dificuldades mencionadas incluem a carência financeira, a falta de tempo para si mesmas, a limitação de tempo para se dedicar aos estudos, o cansaço físico e psicológico, dificuldades de locomoção e a ausência de uma rede de apoio. Nesse sentido, Prates e Gonçalves (2019) reforçam que as mães universitárias do curso de Pedagogia enfrentaram várias dificuldades durante a graduação, sendo a principal delas a sobrecarga decorrente da conciliação das múltiplas responsabilidades, o que resultou em trancamentos ou resistência no curso.

No contexto das dificuldades enfrentadas pelas mães, Sativa (2025) ressalta que, ao tentar conciliar a universidade com as demandas de seus filhos, muitas enfrentaram desafios significativos, incluindo dificuldades de concentração nos estudos. A autora também aponta as barreiras intensificadas durante a pandemia e a carência de políticas públicas adequadas para apoiar as mães estudantes.

Conforme Silva e Guedes (2020), essas dificuldades são amplamente relacionadas às mães universitárias, entre as quais se destacam a falta de acesso a creches e a dificuldade de acompanhamento do andamento do curso, uma vez que as responsabilidades familiares aumentam – muitas vezes levando ao trancamento por sobrecarga.

Conclui-se que, ao descrever a percepção das mães universitárias sobre a qualidade de vida, ficou evidente que elas entendem esse conceito como algo subjetivo e amplo. Em seus relatos, afirmaram que qualidade de vida envolve aspectos como saúde, moradia, acesso à água, saneamento básico, estabilidade financeira e bem-estar físico, mental e social.

Em relação à satisfação com a qualidade de vida, a maioria das entrevistadas relatou a necessidade de melhorias no aspecto financeiro. Elas compreenderam que, para alcançar uma boa qualidade de vida, é necessária maior estabilidade econômica.

Dessa forma, diversas dificuldades que interferem na qualidade de vida das mães universitárias foram identificadas, incluindo: dificuldades financeiras, problemas de locomoção, falta de tempo para se aprofundar nos estudos, ausência de rede de apoio, cansaço físico e mental, além da dificuldade de conciliar a jornada tripla.

Foi evidente, ainda, que a presença de uma rede de apoio facilita a conciliação das múltiplas tarefas enfrentadas pelas mães. Nos relatos, algumas entrevistadas destacaram que sua permanência na universidade se deve, em grande parte, à existência dessa rede, a qual se configura como um fator de extrema relevância em suas vidas. Assim, foi possível interpretar as informações e refletir sobre as ações que podem contribuir para a permanência das mães no meio acadêmico.

As instituições de ensino superior poderiam amenizar a sobrecarga da jornada tripla das mães estudantes por meio da disponibilização de auxílios direcionados, especialmente para aquelas que se encontram em situação de vulnerabilidade socioeconômica.

Entre as possíveis medidas, destacam-se:

- a) auxílio-creche, visto que muitas entrevistadas relataram não conseguir conciliar trabalho e estudo, principalmente devido à carga horária do curso;
- b) auxílio-transporte, considerando que parte significativa das mães reside em municípios distantes do campus;
- c) criação de espaços como creches em período integral, que atendam às necessidades das crianças, permitindo que as mães possam levá-las à universidade e, ainda assim, assistir às aulas com mais tranquilidade;
- d) respeito e incentivo por parte dos professores e colegas, tendo em vista que as mães universitárias enfrentam desafios adicionais quando comparadas a estudantes sem filhos.
- e) existência de políticas públicas externas que promovam maior acolhimento no ambiente acadêmico, a fim de garantir a permanência e o bem-estar dessas estudantes.

Este estudo apresenta como limitação a escassez de pesquisas publicadas sobre a temática, o que restringe as possibilidades de discussão dos resultados. Assim, é necessário realizar mais investigações sobre a realidade das mães universitárias, considerando que mulheres e mães vêm conquistando cada vez mais espaço no mercado de trabalho, ao mesmo tempo em que tentam conciliar maternidade, estudos, trabalho e afazeres domésticos – atividades que, culturalmente, recaem predominantemente sobre elas. A realização de futuras publicações é, portanto, de extrema relevância, dada a importância dessa discussão para o meio acadêmico.

REFERÊNCIAS

ANTLOGA, C. S. *et al.* Percepção de danos físicos, psíquicos e sociais no trabalho de ser mãe universitária. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, DF, v. 43, e253141, p. 1-15, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1590/1982-3703003253141>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/wvTKwnSdpfdqP6yd7V6HpVh/?lang=pt>. Acesso em: 27 ago. 2024.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF, Presidência da República, 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 19 out. 2023.

BRASIL. Decreto nº 7.234, de 19 de julho de 2010. Dispõe sobre o Programa Nacional de Assistência Estudantil – PNAES. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, n. 137, p. 5, 20 jul. 2010a. Disponível em: <https://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?jornal=1&pagina=5&data=20/07/2010>. Acesso em: 13 fev. 2025.

BRASIL. Lei nº 14.443, de 2 de setembro de 2022. Altera a Lei nº 9.263, de 12 de janeiro de 1996, para determinar prazo para oferecimento de métodos e técnicas contraceptivas e disciplinar condições para esterilização no âmbito do planejamento familiar. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, ano, 160, n. 169, p. 5, 5 set. 2022. Disponível em: <https://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?jornal=1&pagina=5&data=20/07/2010>. Acesso em: 13 fev. 2025.

BRASIL. **Lei nº 6.202, de 17 de abril de 1975**. Atribui a estudante em estado de gestação o regime de exercícios domiciliares instituído pelo Decreto-Lei nº 1.044, de 1969, e dá outras providências. Brasília, DF, Presidência da República, 1975. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1970-1979/l6202.htm. Acesso em: 19 out. 2023.

BRASIL. Lei nº 9.263, de 12 de janeiro de 1996. Regula o § 7º do art. 226 da Constituição Federal, que trata do planejamento familiar, estabelece penalidades e dá outras providências. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, ano 134, n. 10, p. 561-563, 15 jan. 1996. Disponível em: <http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?jornal=1&pagina=1&data=15/01/1996>. Acesso em: 13 fev. 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. **Portaria nº 193, de 23 de fevereiro de 2010**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2010b. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/anvisa/2010/prt0193_23_02_2010.html#:~:text=a%20instala%C3%A7%C3%A3o%20de%20salas%20de,n%20data%20de%20sua%20publica%C3%A7%C3%A3o. Acesso em: 13 fev. 2025.

CARDOSO, P. F.G.; LIMA, M. P. de; BARTHOLOMEI, M. A. O (não) lugar da mulher-mãe na universidade, resistências e conquista no ENPESS/2022. **Temporalis**, Brasília, DF, v. 23, n. 46, p. 309-327, jul./dez. 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/temporalis/article/view/40499>. Acesso em: 12 fev. 2025.

COSTA, P. R. L. de A. *et al.* Qualidade de vida de mães de crianças com síndrome congênita afetadas pelo Zika Vírus. **Revista Paulista de Pediatria**, São Paulo, v. 39, e2019231, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/1984-0462/2021/39/2019231>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rpp/a/nqQtQcysSPq4hVqTGqRCX5r/?lang=pt>. Acesso em: 08 out. 2023.

FERREIRA, K. da R.; FURTADO, M. A. S. Vivência de mães universitárias do ISB/UFAM. **Construção Psicopedagógica**, São Paulo, v. 32, n. 33, p. 59-76, 2022. DOI: <https://doi.org/10.37388/CP2022/v32n33a07>. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-69542022000200006. Acesso em: 27 ago. 2023.

FERREIRA, V. dos A.; MENEZES, K. R.; BARROS, A. F. Qualidade de vida do estudante de graduação em enfermagem: uma análise quantitativa. **Enfermagem em Foco**, Salvador, v. 12, n. 5, p. 985-990, 2021. DOI: <https://doi.org/10.21675/2357-707X.2021.v12.n5.4632>. Disponível em: <http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/4632>. Acesso em: 17 dez. 2024.

FREITAS, A. C. M. *et al.* Fatores intervenientes na qualidade de vida do estudante de enfermagem. **Revista de Enfermagem UFPE On Line**, Recife, v. 12, n. 9, p. 2376-2385, set. 2018. DOI: <https://doi.org/10.5205/1981-8963-v12i9a230110p2376-2385-2018>. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/230110>. Acesso em: 25 ago. 2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Estudos e Pesquisas. Informação Demográfica e Socioeconômica. **Síntese de indicadores sociais**: uma análise das condições de vida da população brasileira 2010. Rio de Janeiro: IBGE, 2010. Disponível em: <https://www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/imagem/4437.pdf>. Acesso em: 12 fev. 2025.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Estudos e Pesquisas. Informação Demográfica e Socioeconômica. **Síntese de indicadores sociais**: uma análise das condições de vida da população brasileira 2023. Rio de Janeiro: IBGE, 2023. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv102052.pdf>. Acesso em: 12 fev. 2023.

LOPES, L. M.; RAMALHO, C. C. Mães-universitárias: as dificuldades durante a graduação em educação física. **Revista Mosaico**: Revista de História, Goiânia, v. 16, n. 4, p. 104-118, 2023. DOI: <https://doi.org/10.18224/mos.v16i4.12605>. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/mosaico/article/view/12605>. Acesso em: 17 dez. 2024.

MATOS JÚNIOR, C. C. de; SOUZA, T. C. M. Mães universitárias: experiências e desafios da maternidade e da vida acadêmica em São Bernardo, Maranhão, Brasil. **Infinitum Revista Multidisciplinar**, São Bernardo, MA, v. 6, n. 10, p. 84-108, jan./jun. 2023. DOI: <https://doi.org/10.18764/2595-9549v6n10.2023.5>. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/infinitum/article/view/21817>. Acesso em: 12 fev. 2025.

MENDES, W. N. S. *et al.* Relações entre depressão, estresse percebido, ansiedade, qualidade de vida e características dos estudantes de enfermagem. **REME**: Revista Mineira de Enfermagem, Belo Horizonte, v. 26, e1476, 2022. DOI: <https://doi.org/10.35699/2316-9389.2022.39449>. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/remo/article/view/39449>. Acesso em: 17 dez. 2024.

MINAYO, M. C. de S.; HARTZ, Z. M. de A.; BUSS, P. M. Qualidade de vida e saúde: um debate necessário. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, 2000. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-81232000000100002>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/MGNbP3WcnM3p8KKmLSZVddn/?lang=pt>. Acesso em: 06 out. 2023.

MOURA, I. H. *et al.* Qualidade de vida de estudantes de graduação em enfermagem. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 37, n. 2, e55291, jun. 2016. DOI: <https://doi.org/10.1590/1983-1447.2016.02.55291>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rgef/a/hcsPZrBz6P9MnkBKwSDTQyP/?lang=pt>. Acesso em: 23 mar. 2025.

PRATES, S. R.; GONÇALVES, J. P. Educação superior e relações de gênero: atividades domiciliares para mães estudantes de pedagogia. **Revista Internacional de Educação Superior**, Campinas, v.5, e019030, jan. 2019. DOI: <https://doi.org/10.20396/riesup.v5i0.8653753>. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/riesup/article/view/8653753>. Acesso em: 14 jan. 2025.

SATIVA R. A. Being students and mothers: stories of strength and resilience. **Journal of Innovation Research and Knowledge**, Kota Surakarta, v. 4, n. 8, Jan. 2025. Disponível em: <https://www.bajangjournal.com/index.php/JIRK/article/view/9624>. Acesso em: 20 fev. 2025.

SILVA, A. P. R. da; AGAPITO, J. Mães-estudantes: a luta pelo direito à educação. **Monumenta: Revista de Estudos Interdisciplinares**, Joinville, v. 2, n. 4, p. 125-151, jul./ dez. 2021. Disponível em: <https://monumenta.emnuvens.com.br/monumenta/article/view/76>. Acesso em: 13 jan. 2025.

SILVA, M. C. R. da F.; GUEDES, C. Redes sociais e ativismo materno: desafios entre estudantes de uma universidade pública. **Revista Katálysis**, Florianópolis, v. 23, n. 3, p. 470-479, set./dez. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/1982-02592020v23n3p470>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rk/a/KmmbBSdWxFtjXsMR5zVzZGp/?lang=pt>. Acesso em: 27 ago. 2024.

SOARES, L. S. *et al.* Vivência de mães na conciliação entre aleitamento materno e estudos universitários. **Avances Enfermería**, Bogotá, v. 35, n. 3, p. 284-292, set. 2017. DOI: <https://doi.org/10.15446/av.enferm.v35n3.61539>. Disponível em: <https://revistas.unal.edu.co/index.php/avenferm/article/view/61539>. Acesso em: 25 ago. 2024.

TACHIBANA, M.; VELOSO, L. Carregando o mundo nas costas: a experiência emocional de mães universitárias. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 28, p. 62-82, jan. 2022. DOI: <https://doi.org/10.5752/P.1678-9563.2022v28p62-82>. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/psicologiaemrevista/article/view/22991>. Acesso em: 17 dez. 2023.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA. **UNEB**. 2025. Disponível em: <https://portal.uneb.br/a-uneb/>. Acesso em: 13 jan. 2025.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **WHOQOL**: annotated bibliography. Genebra: World Health Organization, 1998. Disponível em: https://depts.washington.edu/seaqol/docs/WHOQOL_Bibliography.pdf. Acesso em: 27 ago. 2023.